

## A coesão e a coerência textuais. O plano de texto da notícia “Fragmento de asteróide entrou na atmosfera terrestre junto à fronteira de Barrancos”

Textual cohesion and coherence. The text plan of the news “Asteroid fragment entered the Earth's atmosphere near the Barrancos border”

Guilherme Delgado Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa discorrer sobre os conceitos de texto, coesão, coerência e plano de texto. Ancorado na Linguística Textual, fez-se, inicialmente, uma problematização teórica, baseada em Fonseca (1992), Adam (2011), Lopes; Carapinha (2013), Silva (2012; 2016), demonstrando, com alguns exemplos de enunciados, as características desses constructos, para, numa dimensão prática, discutirmos e analisarmos o conceito de plano de texto (cf. Adam, 2011; Costa; Silva, 2011), através das análises micro e macroestrutural da notícia digital “Fragmento de asteróide entrou na atmosfera terrestre junto à fronteira a norte de Barrancos”. Dessa análise, delineamos a superestrutura da notícia e corroboramos a ideia de que o material empírico examinado, devido à sua previsibilidade, quer em termos estruturais, quer em termos de progressão temática e de sentido, insere-se nos gêneros cujo plano de texto é convencional (cf. Adam, 2011).

**Palavras-chave:** Texto. Coesão. Coerência. Plano de texto. Notícia.

**Abstract:** This article aims to discuss the concepts of text, cohesion, coherence and text plan. Anchored in Textual Linguistics, a theoretical problematization was initially carried out, based on Fonseca (1992), Adam (2011), Lopes & Carapinha (2013), Silva (2012; 2016), demonstrating, with some examples of statements, the characteristics of these constructs, in order to, in a practical dimension, discuss and analyze the concept of text plan (cf. Adam, 2011; Costa; Silva, 2011), through micro and macrostructural analyzes of the digital news “Asteroid fragment entered the terrestrial atmosphere near the border north of Barrancos.” From this analysis, we outline the superstructure of the news and corroborate the idea that the empirical material examined, due to its predictability, both in structural terms and in terms of thematic progression and meaning, falls within the genres whose text plan is conventional (cf. Adam, 2011).

**Keywords:** Text. Cohesion. Coherence. Text plan. New.

---

<sup>1</sup> Universidade de Cabo Verde, Faculdade de Ciências Sociais, Humanas e Artes, Mindelo, Cabo Verde.  
Endereço eletrônico: [guilherme.oliveira@docente.unicv.edu.cv](mailto:guilherme.oliveira@docente.unicv.edu.cv).

## Introdução

O trabalho, que ora se apresenta, efetua uma abordagem sobre os conceitos de texto, coesão e coerência textuais e plano de texto, sempre ancorados no âmbito da Linguística Textual. Deste modo, num primeiro momento, faz-se uma análise teórica dos três primeiros conceitos, recorrendo aos estudos de Adam (2011), Silva (2012) e Lopes; Carapinha (2013) e, num segundo, a Adam (2002), Silva (2016), Costa; Silva (2011), para a reflexão sobre os planos de texto. Finalmente e, numa dimensão prática, procede-se à escolha de uma notícia para o estudo do seu respetivo plano de texto, tendo em conta os níveis micro e macroestruturais, assim como o seu enquadramento no tipo de plano (convencional ou ocasional).

Este trabalho resulta de uma investigação materializada na unidade curricular Linguística Textual: Aspectos de Sintaxe, Semântica e Pragmática do Português, no âmbito do Doutoramento em Estudos Portugueses - Especialidade em Linguística Portuguesa, pela Universidade Aberta, Portugal.

## Fundamentação teórica

O homem, inserido numa determinada sociedade, tem a necessidade de se comunicar com o seu semelhante. Precisa exteriorizar os seus mais diversos pensamentos, emoções, sentimentos e sensações, permitindo-lhe, por um lado, resolver as suas necessidades e, por outro lado, compreender o mundo que o rodeia. Uma das formas para se efetivar a comunicação é a utilização da linguagem verbal, recorrendo à palavra, falada ou escrita.

É nesse contexto que surge aquilo que Lopes (2005, p. 1) designa por texto e discurso, à semelhança de Fonseca (1992), “fragmentos de extensão variável [...] que emergem na interação oral ou escrita”, ainda que alguns investigadores tentem associar texto à modalidade escrita, ou melhor, ao produto e discurso à oralidade, ou seja, ao processo.

De uma forma abrangente, podemos afirmar que o texto resulta da atividade verbal que pode surgir de uma motivação ou de uma necessidade e, dessa forma, articulada com uma finalidade. Não importa a sua extensão. Pode estar presente em todos os lugares, em qualquer momento do dia e ser perceptível tanto pela visão como pela audição. O texto pode se transformar e assumir uma linguagem própria desde que haja relação entre os elementos significativos no seu interior e a relação entre o texto e um contexto, necessários para a produção do sentido.

Muito se tem debatido, numa perspetiva diacrónica, sobre o conceito de texto. Saussure destacou, por exemplo, nos primórdios da Linguística, a importância do signo linguístico para o estudo da linguagem. Relegou para o segundo plano o conceito de fala e, concomitantemente, o do discurso, o qual foi retomado pelos estudos de Benveniste. Também teve dificuldades de passar da Linguística da Enunciação à Textual conquanto propusesse

um terceiro domínio que ocupasse do discurso textual designado por Translinguística dos textos e das obras.

Sem um aprofundamento metodologicamente necessário, a Translinguística foi interrompida e referenciada, às vezes com outras terminologias, sem muitos resultados práticos de, entre outros, por Julia Kristeva, Tzvetzon Todorov e Bakhtin, tendo o último se insurgindo contra uma Linguística que fosse incapaz de se atribuir um objeto superior à frase.

É precisamente Adam (2011) que, numa perspectiva conciliadora, ainda que sobreposta, propõe metodologicamente uma teoria da Linguística Textual e da Análise do Discurso, capaz de sair da encruzilhada antes reinante. Assim, Adam (2011, p. 43-44) postula, ao mesmo tempo, uma separação e uma complementaridade das tarefas e dos objetos da Linguística Textual e da Análise do Discurso. Definiu, inicialmente, a Linguística Textual enquanto um subdomínio do campo mais vasto da análise das práticas discursivas. E elegeu, seguidamente, o TEXTO como objeto da Linguística Textual e as regulações que as situações de interação nos lugares sociais, nas línguas e nos géneros dados impõem aos enunciados enquanto objeto da Análise do Discurso.

Com a delimitação do objeto da Linguística Textual, e já enquadrado como subdomínio da Análise do Discurso, Adam (2011, p. 58-59) afasta-se das teorias concebidas sobre a pragmática transfrásica de Stati (1990) e de Moeschler e Anne Reboul (1998). Tal afastamento justifica-se, por conceberem o texto sem uma existência teórica e por o discurso não ser uma categoria natural cientificamente pertinente. Ao mesmo tempo, separa-se, também, da Pragmática Textual alemã por não conseguir tratar o objeto texto em certa amplitude, em sua continuidade.

Retomando o pensamento de Lopes (2005) sobre o conceito de texto acima apontado, Silva (2012), complementa-o, acrescentando que:

[...] um texto é, então, um objeto linguístico de dimensão e estruturação indeterminadas. Caracteriza-se, de um ponto de vista semântico, pela sua autonomia e coerência global: é um produto verbal completo relativamente aos significados que nele são representados; por isso, pode ser interpretado como uma unidade semântica sem que seja necessário recorrer a outras intervenções verbais que o complementem. (Silva, 2012, p. 20).

Nessa concetualização, irompe a ideia de coerência, aspeto de extrema relevância, que permite um texto diferenciar-se de um não texto. Focaliza-se o conceito no princípio da unidade semântica.

Sob o mesmo prisma de análise, em pretéritas investigações, Halliday e Hassan (1976), na sua obra *Cohesion in English*, numa perspectiva formalista da língua, tentaram explicitar os mecanismos de coesão textual. Demonstraram que o conceito de texto vai além de enunciados ou seja, além da frase, embora saibamos que uma simples palavra, num

contexto específico, possa ser considerada um texto. Esses autores elegeram a ideia de “*texture*” como um conjunto de atributos designados de texto. Quando utilizaram o conceito de “*textura*” para descrever a noção de texto, tinham como intenção destacar a relação semântica entre os elementos textuais. Essa conjetura já deixava entrever a ideia de texto como um todo, isto é, uma unidade de sentido. Ou por outras palavras, significa o que podemos designar de coerência, tal como realçam Lopes, Carapinha (2013) e Silva (2012). Para que haja coerência deve haver uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens, como linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais concorrendo para a unidade de sentido.

Num outro estudo, bastante aturado e solidamente gizado sobre linguística, texto e discurso, Fonseca (1992) sistematizou alguns aspetos relacionados à questão de coerência textual. De acordo com o autor, a coerência concerne:

- i. ao conteúdo designativo do texto, ao mundo nele recriado, designado [...];
- ii. à exigência de não tautologia e a não contradição entre os fragmentos do mundo recriado nos sucessivos enunciados que realizam o texto, do mesmo modo que a exigência da mútua relevância entre esses mesmos fragmentos revelam-se princípios gerais da estruturação do mundo textual que convergem ou se identificam com normas universais [...]
- iii. ao caráter subsequente da articulação do conteúdo designativo carregado por cada um dos enunciados (ou sequências de enunciados) que materializam o texto é avaliado na base do conhecimento do mundo: o mundo textual será coerente se os factos, os acontecimentos, as situações recriadas no texto se interligarem à imagem e à semelhança do que ocorre no mundo ‘real’ cognitivamente ordenado pelos falantes enquanto seres inteligentes [...] (Fonseca, 1992, p. 58-59).

Essas premissas de Fonseca (1992) acerca de coerência textual não se distanciam muito daquilo que Beaugrande e Dressler (1981) apontaram como o segundo critério da textualidade. Esses princípios básicos do texto focalizam-se nas relações concetuais, ou melhor, nas relações cognitivas. Um texto não tem sentido *per si* senão graças à interação entre o conhecimento apresentado no material empírico e o do mundo armazenado na memória dos interlocutores.

Lopes e Carapinha (2013, p. 103-108), não fugindo muito das abordagens acima descortinadas, realçam que a coesão, ainda que seja uma das condições para obtenção da coerência de um texto, não é suficiente. Partindo dessa ideia, primeiramente, através de textos *a priori* carentes de coesão, conduzem os leitores a linhas interpretativas sob o prisma da construção mental e de reconstrução contextual. Demonstraram, também, que a partir de informações ou simplesmente de inferências podemos cair no risco de não aceder à totalidade de significação do produtor do texto ou errar na procura dessa significação. Com as suas explicitações, desenharam-se hipóteses de coerência dos textos e concluíram, as autoras,

que contrariamente à coesão, a coerência não é uma propriedade formal dos textos, outrossim um processo interpretativo.

Essa abordagem das autoras expõe o papel do interlocutor na busca do sentido, a partir da materialidade textual, em que as componentes (linguística, cognitiva e enciclopédica) desempenham um papel fundamental nesse diálogo com o produtor textual. Aferem, por isso, o sentido ao produto discursivo. Ressaltam, ainda, as investigadoras (2013, p. 109-112), analogamente do acima referido em (ii) por Fonseca (1992) três princípios fundamentais que permitem a estruturação textual coerente, a saber: o princípio *da não contradição*, o *da não tautologia* e o *da relevância*. O primeiro consiste em não compartilhar informações contraditórias ao longo de um texto, pondo em causa a sua aceitabilidade. Repare-se nos enunciados:

\* (1) Entregaremos o trabalho de Linguística Textual no dia 20 de Março. O professor dir-nos-á os resultados no dia 19 do mesmo mês.

Vê-se, a partir dos enunciados apresentados em (1), que houve uma violação ao princípio da coerência textual. Na verdade, os enunciados contêm informações contraditórias, ao não seguirem uma sequência temporal lógica. O professor não pode avaliar os trabalhos, sem antes os ter recebido. Ademais o dia 20 não precede ao 19 do mesmo mês.

O segundo diz respeito à apresentação de ideias não redundantes no mesmo texto. Veja-se o exemplo:

\* (2) O Paulo é um garoto estudioso. Estuda todas as matérias. Com o Paulo os conteúdos estão sempre em dia.

Os enunciados em (2), infringem o princípio de coerência por reiterar a mesma informação, prejudicando a ideia de progressão semântica.

O terceiro, e último, refere-se à interligação entre enunciados, de modo a obtenção de um todo unificado de significação. Observe-se, agora, o fragmento textual:

\* (3) A Rita está satisfeítíssima. Ela foi à praia. Emprsta-me o seu carro.

No exemplo (3), não se apercebe uma lógica na interligação dos enunciados. A informação revelada inicialmente corresponde ao estado psicológico da Rita. Introduz-se, a seguir, uma informação nova desgarrada da primeira. A esta, acresce-se um novo conteúdo proposicional, em forma de pedido, completamente desgarrado do que o antecede. Desta forma, não se pode estabelecer a coerência devido à ausência de união entre os três enunciados, isto é, não há uma mesma referência tematizada.

Afirmaríamos, em jeito de resumo, que um texto é coerente quando (i) revela uma continuidade semântica (aos níveis micro e macrotextuais); (ii) os enunciados, que o compõem, configuram-se numa mesma unidade comunicativa.

Para a unidade interna do texto concorrem, ainda, as relações entre a coesão e a coerência textuais. Assim, as cadeias de referências são, de acordo com Lopes e Carapinha (2013, p. 113), linhas de continuidade no interior do texto. Operam enquanto mecanismo formal de construção de coerência referencial ainda que não garantam por si sós coerência. Observe-se o exemplo:

(4) “Era uma vez [*uma gotinha* de água que vivia num imenso oceano.] *Esta* era muito preguiçosa e [-] procurava sempre a mesma corrente suave que *a* transportava entre duas baías calmas.” (Mateus *et alii*, p.113, grifo nosso).

O pronome demonstrativo “*esta*” a elipse nominal “[-]” e o pronome pessoal ‘*a*’ são dependentes do referente ‘*gotinha*’. São fundamentais para garantir não só a coesão mas também a coerência textuais. Se comutarmos, por exemplo, ‘*gotinha*’ pelo referente “*sal*” o excerto textual perderá a sua coerência.

Há outros mecanismos da coesão que concorrem para a coerência do texto. Referimo-nos aos de coesão interoracional e aos de coesão interfrásica. Segundo Lopes; Carapinha (2013, p. 114), os de coesão interoracional correspondem às conexões ao nível da frase complexa que interligam duas orações adjacentes, num nível microtextual, mas podem operar-se igualmente ao nível de segmentos mais amplos, como se verifica no fragmento, a seguir:

(5) “O fenómeno produziu uma ‘espectacular’ bola de fogo *que* cruzou o Sul de Espanha e foi registada pelos detectores *que* a Universidade de Huelva tem no Observatório de La Hita (...).”

Nessa frase extraída da notícia<sup>2</sup> analisada mais adiante, verifica-se que os conectores, em itálico, sinalizam as relações estabelecidas entre as orações. Atribuem-lhes coerência. Outras vezes, a coerência é garantida pela relação discursiva permitindo ligar semanticamente enunciados. Nesses casos, não é necessária a presença explícita de conectores. É obtida através da inferência do interlocutor. Tal constatação opera-se em (6) podendo, no entanto, ser deduzido cognitivamente, como ocorre em (7), sem prejuízo para a compreensão do discurso, embora, em muitos casos, nos possa induzir a ambiguidades interpretativas.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/02/24/ciencia/noticia/fragmento-de-asteroide-entrou-na-atmosfera-terrestre-junto-a-fronteira-a-norte-de-barrancos-1724256>.

(6) O vulcão entrou em erupção. Queimou toda a floresta ao redor.

(7) O vulcão entrou em erupção, por conseguinte, queimou toda a floresta ao redor.

O nosso propósito não passa por estancar, nesta atividade, as concetualizações de texto, coerência e coesão. Muitos estudos clássicos já efetivados por linguistas, como os ilustrativamente apontados: Hartmann, Harweg, Wunderlich, Schmidt, Gulitch, Halliday e Hasan (1976), van Dijk, Beaugrande e Dressler (1981), Adam (2002; 2011), Silva (2012; 2016), Lopes e Carapinha (2013), já se dedicaram a essa problematização, sem nunca, entretanto, se esgotarem. Notámos sim, roturas, continuidades, ampliações, dinâmicas importantes para o desenvolvimento de qualquer ciência, em que a Linguística Textual é tão-somente mais um exemplo efetivo.

O texto envolve, no seu processo de conceção e receção, uma faceta de reconstrução de sua estrutura a que Adam (2011) denomina por plano de texto. Esse constructo é facilitador para a compreensão de textos, tanto na perspectiva de produção como na de receção. Iniciou-se na cultura clássica por meio dos conceitos de *inventio*, *dispositivo* e *elocutio* e estendeu-se aos nossos dias. Tais conceitos não escaparam, numa perspectiva diacrónica, a uma sumária reflexão de Adam (2002; 2011) retomado por Costa e Silva (2011) e explicitado, com exemplos concretos, por Silva (2016). Assim, e de uma forma sintética, como de resto já fizera Silva (2016), passamos a descrever o que se entende por plano de texto.

Adam (2011, p. 257-258), assinala que os planos de texto desempenham um papel fundamental na composição macrotextual do sentido. Correspondem ao que, na retórica, colocava-se na disposição, parte da arte de escrever e da oratória que regrava a ordenação tirados da invenção. Sublinha que tal modelo era incapaz de dar conta da variedade dos planos possíveis.

Para sustentar a sua tese, toma exemplarmente alguns géneros textuais cujo plano de texto é inesperado, ou melhor, deslocado em relação a um género ou a um subgénero do discurso, o que designa por plano *ocasional*, contrapondo ao *convencional* fixado pelo próprio género. Para o primeiro caso, cita como exemplos o editorial, a canção, o poema, o texto de uma publicidade, o discurso político (...) e para o segundo, Adam (2002, p. 434), no *Dictionnaire d'analyse du discours*, ilustra os cinco atos da tragédia e os três da comédia, a dissertação, a entrada do dicionário, a receita da cozinha, entre outros géneros.

Realça, por um lado, a relevância da segmentação, assim como das indicações manifestadas na superfície textual que sinalizam o plano de texto e, destaca, por outro lado, a relação entre texto e o processamento da informação por parte do alocutário. Demonstra,

ademais, que os planos convencionais orientam a interpretação do texto e que os ocasionais necessitam explicitamente de ser sublinhados.

Com esta explanação de Adam, notamos que o plano de texto auxilia no processo de reconstrução do sentido global do texto, ainda que em determinados gêneros seja mais previsível enquanto noutros não. Assim, devido à sua maleabilidade e complexidade, torna-se necessário traçá-lo, o que requer do recetor do texto um trabalho intelectual.

Costa e Silva (2011), numa perspectiva de Análise Textual, Discursiva, Poética e Estilística, e ancorada, também, na Retórica Clássica, introduzem os conceitos de macroestruturas semânticas, formais e as suas microestruturas semânticas e estilístico-formais, como indicadores do plano de texto. A estes, associaram-se as intenções comunicativas (informativa, comunicativa e poético-representativa) que interligam, por seu turno, às normas convencionais e às situações em que aparecem os textos, responsáveis para a configuração de planos de texto. Assim, assinalam, primeiramente, a relevância de ter ideias bem definidas sobre o conteúdo e sobre as macroestruturas semânticas do texto e, seguidamente, a importância de saber como proceder à textualização *stricto sensu* como construir as microestruturas semânticas e estilístico-formais do texto de acordo com os ensinamentos da *elocutio*.

As macroestruturas textuais são construídas nas operações que a retórica denomina *inventio* e *dispositio*, inseparáveis processualmente, fazendo com que as macroestruturas semântico-cognitivas tenham uma relação relevante relativamente à estrutura formal do texto com as secções, variáveis conforme as convenções dos diversos tipos ou gêneros textuais.

As microestruturas estão associados à *elocutio*, indissociável da *dispositio*. Estão relacionadas à escolha do registo adequado, ao léxico apropriado à matéria tratada, aos destinatários do texto, devendo-se recorrer aos princípios que asseguram e orientam a coerência textual (correção, clareza e elegância).

Silva (2016, p. 195), numa análise dos conceitos abarcados no *Dicionário terminológico*, resume a oposição e a complementaridade quer entre aspetos de conteúdo e formais no plano de texto, quer entre os níveis macroestrutural e microestrutural em que esses aspetos se podem concretizar e ser atestados.

O nível macroestrutural relaciona-se à estrutura global do texto. O microestrutural corresponde à organização no seio de segmentos de extensão inferior à totalidade do texto. Do mesmo modo, Silva (2016, p. 195-196 *apud* Adam, 2001) apresenta-nos o plano de texto enquanto um dos critérios internos responsável para definição de alguns gêneros.

No plano de texto, incluem, ainda, traços relacionados aos componentes composicional e material. Estes contemplam, por seu turno, critérios decorrentes da composição macrotextual. Destacam-se a distribuição dos conteúdos, a segmentação do texto, o encaixe e ou sucessão de alternância de sequências do mesmo tipo ou de tipos diversos.

Com a sistematização de Silva (2016), tanto do *Dicionário Terminológico*, como das observações de Adam (2001), sobre o plano de texto, apercebemo-nos de que, aquando da análise do plano do nosso material empírico - a notícia selecionada -, teremos de considerar, por um lado, a organização formal do texto, com as suas partes ou secções e, por outro lado, os elementos verbais que constituem os segmentos inferiores à totalidade do texto, envolvendo os aspetos sintáticos, semânticos, retóricos, estilísticos e pragmáticos os quais asseguram a coerência das unidades de extensão inferior ao texto.

### **Análise do plano de texto da notícia**

Tendo em conta o acima exposto, selecionámos uma notícia (vide anexo 1) cujo propósito é demonstrar o respetivo plano, tanto a nível macrotextual como microtextual. O texto, em análise, pertence ao domínio do discurso jornalístico. Inclui-se, com efeito, na especialidade socioprofissional da imprensa, neste caso, da escrita. A mensagem reproduzida é resultante da narração de um conjunto de eventos de interesse público.

Sabendo que a notícia tem como finalidade conceder uma informação atualizada sobre um acontecimento de interesse geral, e visando um público diversificado e vasto, deverá, na sua arquitetura macrotextual, principalmente quando ocorre em suporte escrito, facilitar a compreensão da leitura das informações que oferece.

Assim, este género textual, a nível macroestrutural, deve rodear-se de coordenadas que auxiliam a apreensão do conteúdo informativo. Entre elas, podemos apontar a perceptibilidade (dando prioridade a uma hierarquia, dos aspetos mais importantes aos menos relevantes, recorrendo, por exemplo, à técnica da pirâmide invertida, o que nos é dado pela própria disposição do género), o realce (destacar, nos periódicos, por exemplo, a notícia logo nas primeiras páginas), entre outros.

Tais aspetos nos permitem enquadrar a notícia nos planos convencionais propostos por Adam (2011). Essa inclusão advém das expectativas do leitor de notícias e da macroestrutura do próprio género, aquando do texto noticioso.

Deste modo, esperamos, entre outras configurações, encontrar, por exemplo, a nível macroestrutural, o resumo. A partir dele, podemos visualizar títulos, subtítulos e antetítulos, como também o lead e o relato das informações, com o respetivo desenvolvimento. Desse último, sobressairá, certamente, a narração detalhada dos factos e, conseqüentemente, alguns comentários e avaliações remetendo-nos àquilo comumente conhecido por corpo da notícia.

É expectável, a nível microtextual, que se utilize uma linguagem objetiva na articulação dos enunciados e descubramos, ao nível de períodos, respostas às implícitas questões, aos níveis das secções: *Lead* (Quem? O quê? Onde? Quando) e *corpo* (Como? Porquê?), embora

saibamos que, em algumas notícias, nem sempre é possível encontrar respostas às duas últimas perguntas.

Para atestarmos essas conjeturas, partimos da notícia intitulada “*Fragmentos de asteróide entrou na atmosfera terrestre junto à fronteira a norte de Barrancos*”<sup>3</sup> extraída do Jornal *online Público*. Servimos, deste modo, das novas tecnologias de informação e comunicação.

Em termos composicionais, a notícia constitui-se pelo título. A sua função passa-se por cativar a atenção do público leitor. Neste caso, aparece destacado a negrito, e o tamanho das letras é superior ao do *lead* e ao do corpo. Segue-se um subtítulo que complementa a ideia veiculada pelo título. Ambos têm a função, a nível da macroestrutura da notícia, de anunciar e condensar o assunto a ser desenvolvido ao longo do corpo do texto. Às vezes, contém um antetítulo que não é constatado, entretanto, no material empírico em análise. Nesse caso concreto, a nível de estratégias discursivas usadas pelo jornalista, o título e o subtítulo são-nos apresentados como um acontecimento preocupante (principalmente para os leitores que vivem no perímetro onde se prevê o impacto do fragmento) como forma de atrair e envolver o leitor no facto narrado. Tal aspeto é visível nas escolhas lexicais usadas a nível microestrutural (‘fragmento de asteróide’; ‘entrou na atmosfera’; ‘a norte de Barrancos’).

Apresenta-se, posteriormente, o *lead* no primeiro parágrafo cuja finalidade é resumir os acontecimentos. Esses elementos podem ser arrumados numa categoria superior cuja designação, anteriormente referida, é resumo ou sumário. Facilita a interpretação de toda a notícia na medida em que contém em si a macroposição semântica do texto. Declara tanto o evento principal como os secundários.

O *lead* responde às questões: quem?: “Um fragmento de esteróide;” O quê?: “Entrou na atmosfera terrestre”; Quando?: “Às 3h 42 horas do último domingo”; Onde?: “sobre a povoação espanhola de Valência de Mombuey, junto à fronteira portuguesa a poucos quilómetros a norte de Barrancos”.

Verificamos que, nesta notícia, o *lead* revela ao leitor a ocorrência principal e simplifica o seu entendimento. Deixa sobressair, contudo, um momento de tensão que terá o seu abrandamento no final da sequência narrativa do quarto parágrafo do corpo. Esse corresponde, por sua vez, aos restantes parágrafos (sete) nos quais se nota o relato do acontecimento, organizado em episódios e comentários.

Assim, no primeiro parágrafo do corpo, retoma-se o evento principal (obrigatório e recursivo), no qual sobressai o enquadramento presente ou contextual porquanto se refere à situação atual em que o acontecimento ocorre.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.publico.pt/2016/02/24/ciencia/noticia/fragmento-de-asteroide-entrou-na-atmosfera-terrestre-junto-a-fronteira-a-norte-de-barrancos-1724256>.

Vê-se, claramente, que o jornalista procurou incluir na notícia informações da universidade de Huelva que, sendo uma instituição científica credível, permite ao leitor, em contacto com tais informações, ativar seus conhecimentos acumulados sobre o assunto.

No segundo parágrafo, introduz-se a consequência ou reação, pois atesta declarações de envolvidos, na notícia, sobre as implicações do evento principal. Possibilita ao jornalista inserir comentários de outrem no seu texto, de forma mais imparcial, livrando-se, assim, da responsabilidade dos conteúdos e dos comentários, mantendo, dessa forma, a coerência discursiva.

Seguidamente, apresentam-se o terceiro e o quarto parágrafos. Funcionam como uma curta narrativa, no seio da notícia. Dá-se conta do que efetivamente sucedeu, ou seja, o que se observa antes do facto principal. Realça-se, ainda, que o quarto parágrafo do corpo, iniciado por “A bola de fogo”, configura um anticlímax, promovendo no leitor uma atitude de relaxamento, pelo que foi repostado o equilíbrio, do momento de tensão introduzido.

No quinto parágrafo, expõe-se o evento prévio. Esse acontecimento relaciona-se à ocorrência que precedeu a principal num período não muito longínquo, ao contrário do que ocorre com os “backgrounds” passados ou históricos do sexto e sétimo parágrafos. A sua função é informar o leitor sobre circunstâncias anteriores ao evento principal, facultando um levantamento histórico sobre o contexto mais distante que propiciou a situação presente e os respetivos eventos. Como forma de sistematização da macroestrutura da notícia, apresenta-se o Quadro 1 representativo da superestrutura da notícia analisada.

Quadro 1- Sistematização da superestrutura do plano de texto da notícia analisada

Lead						
Resumo/Sumário						
Título		Subtítulo		Lead (evento principal)		
Destacado a negrito Tamaho da letra superior		Destacado a negrito		Quem?, o quê?, quando?, onde? (1º parágrafo)		
Corpo						
Relato						
Episódios						
Evento principal	Consequência Reação	Sequência narrativa	Sequência narrativa	Evento prévio	Background passado ou histórico (não muito distante)	Background passado ou histórico (distante)
Background presente ou contextual	2º parágrafo	3º parágrafo	4º parágrafo	5º parágrafo	6º parágrafo	7º parágrafo
1º parágrafo Recursivo						

Fonte: Elaborado pelo autor.

Acrescentam-se, ainda, os mecanismos que nos possibilitaram a segmentação da notícia:

- Título destacado a negrito (tamanho da letra superior);
- Nome do redator da notícia na parte superior esquerda, escrito em letras garrafais;
- Data da publicação (dia, mês, ano e hora);
- Título (destacado a negrito e tamanho de letra superior);
- Subtítulo (tamanho de letra inferior ao título, entretanto destacado em relação ao *lead* e ao corpo);
- *Lead* (tamanho de letra inferior ao título);
- Corpo (tamanho de letra inferior ao título);
- *Lead* constituído por um parágrafo, cujo objetivo é resumir ao facto (responde às questões: quem?; o quê?, quando? e onde?);
- Corpo constituído por sete parágrafos; desenvolve o evento narrado e responde às questões como? e porquê?.

Diríamos, em jeito de remate, que o plano dessa notícia, a nível macroestrutural, se subsidia, primeiramente, no discurso jornalístico que faz parte da imprensa escrita, neste caso do periódico *online* Público, sendo, por isso, datado e assinado, criando no leitor determinadas expectativas. Seguidamente, a própria notícia forma uma unidade de sentido comunicativo proporcionado através do tópico central, ou seja, do conteúdo global, resultado do somatório das partes da notícia (título, subtítulo, *lead* e corpo) as quais sistematizam a macroestrutura global do texto.

Após a segmentação da notícia (Quadro 1) em suas respectivas subpartes (título, subtítulo, *lead* e corpo), considerando as micro e macroestruturas da mesma, notamos, por um lado, que os parágrafos se revelaram de extrema praticidade para a análise do plano de texto. Observamos, por outro lado, que a notícia analisada não se diferencia muito de outras lidas. Assinale-se uma preocupação em respeitar algumas prescrições, nomeadamente, a progressão temática organizada em torno das célebres questões: o quê, quem, quando, onde, como e porquê? Verificamos, ainda, que os princípios que norteiam a arquitetura desse gênero quer em termos estruturais, textuais ou linguísticos orientam-se pelos mesmos critérios de ordenação de outras notícias. Essas ilações nos possibilitam inserir a notícia nos planos convencionais de acordo com Adam (2011) e Silva (2016).

### **Considerações finais**

O texto, tomado como sequência autónoma de enunciados, orais ou escritos, de extensão variável, se concebe numa dada situação de comunicação e resulta numa unidade de sentido.

Para que o texto se traduza nesse todo de sentido, a coesão revela-se uma propriedade também importante. Ela se manifesta sobretudo a nível da superfície textual, uma vez que lhe confere e instaura uma continuidade entre os diversos elementos da sua estrutura. Para isso, participam as cadeias de referência, os conectores interfrásicos, as relações semânticas, os tempos e modos verbais, entre outros. Porém, esses mecanismos de coesão *per se* não asseguram a coerência do texto. É necessário para tal uma interação entre esses elementos microtextuais e macrotextuais do próprio texto, o trabalho do produtor de texto (considerando o gênero, tipos de texto, conteúdo temático...) e a capacidade interpretativa, tal como sugeriram Lopes e Carapinha (2013), do recetor do texto. A função desse último passa por colaborar na construção da coerência, com as suas competências linguística e enciclopédica, aliada ao processo inferencial. Diríamos, em síntese, que a coesão está para a estrutura superficial do texto e a coerência para a estrutura profunda. A coerência relaciona-se, verdadeiramente, com o processamento da informação do texto em termos de organização, quantidade, qualidade, entre outros aspetos.

Partindo da notícia analisada, verifica-se que a linearidade de sentido, que define a coerência do texto, resulta, efetivamente, da configuração das suas micro e macroestruturas. A coerência advém, por conseguinte, das relações estabelecidas entre as diferentes partes (título, subtítulo, *lead* e corpo) formando um todo de sentido.

Comprovamos, igualmente, que, sendo este material empírico uma notícia, a distribuição dos mecanismos de segmentação sujeitam-se a uma hierarquia na apresentação dos conteúdos. Assim, o evento principal é-nos dado, por um lado, logo no *incipit* textual e favorece, por outro lado, certas expectativas no leitor. Essa configuração facilita a interpretação da informação porquanto contém em si a macroproposição semântica do texto. Porém, à medida que o recetor da notícia vai lendo o conteúdo nela apresentado, o assunto vai perdendo o seu grau de relevância. Irrompe, por isso, a técnica da pirâmide invertida e, concomitantemente, a classificação do plano do texto estando situado num ponto mais próximo do convencional (Adam, 2011). Tal construto é, na realidade, pré-determinado pelo próprio gênero, embora possa haver a supressão de um ou outro elemento como aconteceu, de resto, com a notícia analisada - ausência do antetítulo -, não compromete a sua macroestrutura.

## Referências

ADAM, J. M. **A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos** (trad.). São Paulo: Cortez Editora, 2011. p. 29-73.

ADAM, J. M. Plan de texte. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (dir.). **Dictionnaire d'Analyse du Discours**. Paris: Seuil, 2002. p. 433-434. DOI: <https://doi.org/10.4000/edc.698>. Acesso em: 18 fev. 2017.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. **Introducción a La Lingüística del Texto**. Editorial Ariel. S.A., 1981.

COSTA, J.; SILVA, V. M. A. e (org.). Plano de texto. **Dicionário terminológico**. 2011. Disponível em: <http://dt.dgfdc.min-edu.pt/>. Acesso em: 18 fev. 2017.

FONSECA, J. **Linguística e Texto/ Discurso, Teoria, Descrição e Aplicação**. Lisboa: Ministério da Educação; Instituto de Cultura e Língua Portuguesa; Nice: Universidade de Nice, 1992.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

LOPES, A. C. M. Texto e Coerência. **CELGA**/Faculdade de Letras de Coimbra. 2005. Disponível em <https://hdl.handle.net/10316/13423>. Acesso em: 22 fev. 2017.

LOPES, A. C.; CARAPINHA, C. **Texto, Coesão e Coerência**. Almedina. CELGA, 2013.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 5. ed. Caminho, 2005. p. 113.

SILVA, P. N. da. Género, conteúdos e segmentação: em busca do plano de texto. **Diacrítica**, v. 30, n. 1, p. 181-121, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/i/delta/a/SmbcJnyXdfcJD7LkgyNYbZt/?lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2024.

SILVA, P. N. da. **Tipologias textuais. Como classificar textos e sequência**. Livraria Almedina/CELGA, 2012. p. 15-28.

### **Sobre o autor**

*Guilherme Delgado Oliveira*

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6442-2243>

Doutorado em Estudos Portugueses - Especialidade Linguística Portuguesa, pela Universidade Aberta, Portugal. Mestrado em Estudos Portugueses - Investigação e Ensino pela Universidade Aberta, Portugal. Licenciado em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses pela Universidade do Mindelo, Cabo Verde. Docente da Escola Industrial e Comercial do Mindelo e da Universidade de Cabo Verde (Uni-CV).

Recebido em fevereiro de 2024.

Aprovado em junho de 2024.

## Anexo

### **Fragmento de asteróide entrou na atmosfera terrestre junto à fronteira a norte de Barrancos**

**Objecto extraterrestre extinguiu-se sem consequências a 42 quilómetros de altura. É o segundo acontecimento do género a ocorrer no mesmo local em cinco meses.**

#### **CARLOS DIAS**

24 de Fevereiro de 2016, 11:48

A uma velocidade calculada em 120.000 quilómetros à hora, um fragmento de asteróide entrou na atmosfera terrestre às 3h42 horas do último domingo para se extinguir na vertical sobre a povoação espanhola de Valencia de Mombuey, junto à fronteira portuguesa a poucos quilómetros a norte de Barrancos.

O fenómeno produziu uma “espectacular” bola de fogo que cruzou o Sul de Espanha e foi registada pelos detectores que a Universidade de Huelva tem no Observatório de La Hita, localizado em La Puebla de Almoradiel (Toledo), referiu a instituição científica em nota de imprensa divulgada pela agência EFE. Episódio

José María Madiedo, da Universidade de Huelva, numa primeira análise ao acontecimento, referiu que se tratou de “uma rocha que se destacou de um asteróide” para penetrar na atmosfera terrestre a uma velocidade que calculou em 120.000 quilómetros por hora, para se desintegrar sem consequências sobre a fronteira com Portugal.

A penetração do fragmento provocou uma subida brusca de temperatura que ultrapassou os 2000 graus Celsius, gerando uma “bola de fogo” de brilho muito intenso a uma altitude que o investigador calculou em cerca de uma centena de quilómetros, sobre a vertical de Jerez de los Caballeros (Badajoz).

A bola de fogo seguiu na direcção sudoeste, perdeu altura, até se extinguir a uma altitude de 42 quilómetros, sobre Valencia del Mombuey junto à fronteira com a localidade portuguesa de Amareleja.

O Observatório de La Hita referiu que dois dias antes desta ocorrência, numerosas pessoas observaram na região central de Espanha, às 20h06 de 19 de Fevereiro, outra “espectacular bola de fogo que cruzava o céu em direcção ao sul.

Este fenómeno também foi registado em La Hita, mas admite-se que este acontecimento não terá relação com outro que foi registado na madrugada de 21 de Fevereiro e que foi observado a sobrevoar o mar Mediterrâneo para se extinguir sobre o Norte de Marrocos.

A 30 de Setembro de 2015 e também próximo de Barrancos, um fragmento de cometa sobrevoou Santo Aleixo da Restauração e a povoação espanhola de Ensinasola, para se desintegrar a 35 quilómetros de altitude sobre a povoação de Fregenal de la Sierra, na região de Badajoz. O objecto entrou na atmosfera terrestre, cerca das 4h50 da madrugada, a uma velocidade superior a 100 mil quilómetros por hora e provocou uma bola de fogo que produziu uma luminosidade equivalente à lua cheia. Era composto de gelo e rocha.

In: <https://www.publico.pt/2016/02/24/ciencia/noticia/fragmento-de-asteroide-entrou-na-atmosfera-terrestre-junto-a-fronteira-a-norte-de-barrancos-1724256>